

Pesquisa e ensino de história na internet – limites e possibilidades

Israel Aquino¹

Resumo

Este trabalho pretende refletir sobre os impactos causados pelas novas tecnologias de informação e comunicação nos ambientes de ensino e aprendizagem, examinando as possibilidades que estas ferramentas trazem para a pesquisa e o ensino de História, procurando estabelecer um diálogo com trabalhos de outros historiadores e profissionais da educação. Tentamos demonstrar como essas ferramentas possibilitam ampliar a discussão acerca do conhecimento como elemento transformador de indivíduos e da sociedade, apontando a necessidade de ampliar espaços, rompendo os limites das salas de aula e abarcando a totalidade de relações sociais e culturais enquanto relações de formação e aprendizado, neste caso incluindo as chamadas relações “virtuais” propiciadas pelas tecnologias contemporâneas.

Palavras- Chave: Pesquisa Histórica; Ensino de História; Internet; Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Résumé

Ce travail se propose de réfléchir sur les impacts de nouvelles informations et technologies de la communication dans l'enseignement et des environnements d'apprentissage, en examinant les possibilités que ces outils apportent à la recherche et l'enseignement de l'histoire, en cherchant à établir un dialogue avec des oeuvres d'autres historiens et professionnels de l'éducation. Nous essayons de montrer comment ces outils permettent d'élargir le débat sur les connaissances comme un élément de transformer les individus et la société, soulignant la nécessité d'élargir l'espace, brisant les frontières de classes et d'embrasser la totalité des relations sociales et les relations culturelles alors que la formation et l'apprentissage dans ce cas, y compris les relations soi-disant «virtuel» offertes par les technologies contemporaines.

Mots-Clés: Recherche Historique; Enseignement de l'Histoire; Internet; Environnements d'Apprentissage Virtuels.

“As escolas precisam de Internet. Mas a Internet precisa
de escolas onde o verdadeiro ensino aconteça”.

Carlo Ginzburg

Vivemos uma época marcada pela evidência das Tecnologias de Informação e Comunicação². A massificação de computadores e dispositivos pessoais portáteis provocou, na última década, uma série de transformações na forma como lidamos com notícias e conhecimentos disponíveis, propiciando o surgimento de novas formas de produção e distribuição de saberes. As implicações resultantes dessa revolução cultural são comumente marcadas pelo imediatismo, por uma crescente virtualização das relações e por uma concepção colaborativa da construção dos espaços e mecanismos de criação e socialização de informação e conhecimento.

Teve papel destacado nesse processo a Internet e as transformações pelas quais a mesma tem passado nos últimos anos, desde a sua popularização, ainda na última década no século passado, até a consolidação dos blogs e redes sociais,

que provocaram uma revolução no papel cotidiano desempenhado pela rede mundial de computadores - que por si só já se constitui num espaço inovador e de popularização recente. Essas mudanças significativas em um espaço que por si já era novo, como a Internet, podem nos dar uma idéia da marcha acelerada em que se deslocam as inovações nas formas de lidar e de se relacionar com o mundo na sociedade contemporânea e, conseqüentemente, da capacidade de adaptação de que precisamos dispor a fim de acompanhar estes processos.

Nesse contexto, é presumível admitir que a pesquisa e o ensino, bem como as relações neles envolvidas, não poderiam escapar incólumes frente a essa crescente transformação cultural por que passa a sociedade no que toca as formas de lidar com a informação e o conhecimento. Numa época em que nossas práticas habituais estão cada vez mais permeadas pela presença desses recursos e pela necessidade que temos de acesso a essas tecnologias, começam a se tornar visíveis às transformações e contradições que atingem as relações de aprendizado, especialmente pelo fato de serem as novas gerações àquelas que mais tem contato e mais facilmente dominam essas ferramentas, o que faz com que canais como a Internet já no início da segunda década do século XXI ultrapasse o papel até então exercido pela televisão³, por exemplo, assumindo cada vez maior protagonismo na formação de relações e percepções das novas - e velhas - gerações. Assim, coloca-se como um permanente desafio para os profissionais do ensino e da história o domínio desses instrumentos, como condição necessária à realização de uma prática profissional eficiente, bem como para a construção de uma relação de aprendizado atraente e que, ao mesmo tempo, contribua para uma formação mais ampla de jovens e crianças em um ambiente em que as mesmas necessitarão cada vez mais dominar essas mesmas ferramentas.

A presente reflexão pretende ponderar sobre os aspectos levantados até aqui aplicados à pesquisa, ao ensino e a prática de história - e do ofício do professor de história. Para tanto, além de nossa própria prática, buscaremos empreender uma análise bibliográfica das referências encontradas que abrangem aspectos relacionados à história⁴ e a educação. Conhecendo as evidentes limitações a que tal proposta está sujeita, tentaremos aqui refletir sobre os impactos causados pelas novas tecnologias nos ambientes de ensino e aprendizagem, examinando as possibilidades que estas ferramentas trazem para o ensino de história e, assim, contribuir para a discussão que, embora incipiente, vem tomando corpo acerca do assunto nos canais e fóruns de debate que reúnem professores e pesquisadores do ensino de história, alguns dos quais contribuíram significativamente para a realização deste trabalho, como o Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História, que na sua edição de 2011 teve como um de seus eixos temáticos o tema "As novas tecnologias, linguagens e o Ensino de História", contando com a

apresentação de uma seleção de trabalhos bastante fértil e diversificada⁵. Para além destes e de outros trabalhos relacionados ao tema, foi de grande utilidade o recente trabalho dos professores Cesar Coll e Charles Monereo – *Psicologia da Educação Virtual* (Artmed, 2010), que nos parece ser uma obra bastante abrangente e esclarecedora sobre o assunto, constituindo-se já como referência nessa discussão, em nossa opinião, e ainda o diálogo com uma posição que vê o ensino como uma poderosa ferramenta de transformação, amplamente presente na pedagogia crítica contemporânea, quando aponta a necessidade de conhecer e respeitar os saberes dos alunos, bem como de ampliar os espaços de aprendizagem, rompendo assim os limites da sala de aula e abarcando a totalidade das relações sociais e culturais enquanto relações de formação e aprendizado, neste caso incluindo as chamadas relações “virtuais” propiciadas pelas tecnologias de informação e comunicação.

História e internet: uma relação (ainda) complicada

A Internet provocou, desde cedo, um amplo debate sobre as possibilidades de inovação dos métodos didáticos, encontrando hoje diversas expressões nesse sentido, com a popularização do Ensino à Distância, por exemplo. Contudo, nos parece que essa adesão não se manifestou da mesma forma em todas as áreas do conhecimento, e especialmente na área de história parece haver um descompasso. Como afirma a professora Keila Grinberg, da UNIRIO, “o espaço que as chamadas novas tecnologias ganharam no campo da reflexão em Educação não encontrou correspondente similar na área de história” (GRINBERG, 2011). Segundo a professora, foram poucos os pesquisadores que tentaram formular alguma reflexão sobre as mudanças que a rede mundial traz à pesquisa, à produção e à divulgação do conhecimento em história até o momento, estando as principais atividades na área restritas à digitalização e preservação de documentos e acervos, ou relacionadas à questões da história do tempo presente.

O uso da Internet como espaço de trabalho no âmbito da história tem sido constantemente objeto de ressalvas e desconfianças por parte dos profissionais da área, sejam estes educadores ou pesquisadores. No caso destes últimos, nos parece que estas circunstâncias se acentuam, especialmente quando se pensa a Internet como fonte de pesquisa histórica, sendo ainda poucas as pesquisas que consideram encarar a rede mundial de computadores como uma fonte primária. Para Fábio Almeida, aluno de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador da área, essa situação possui uma explicação de caráter histórico: a importância do papel e, sobretudo, da documentação oficial, como objeto principal de estudo de historiadores durante muito tempo, contribui para a estranheza que ainda causa a Internet e sua materialidade “virtual”, muito embora a chamada Escola dos Annales tenha, durante o século XX, contribuído de forma decisiva para a ampliação do conceito de fonte primária, especialmente através dos escritos de seu fundador, Lucien Febvre:

"A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. (...) [Deve também se fazer] com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entreaajuda que supre a ausência do documento escrito" (FEBVRE apud ALMEIDA, 2011: 10.)

Ainda assim, a desconfiança causada pela incorporação de novas categorias de documentos ainda é visível, especialmente se levarmos em conta a escassez de referenciais que buscam problematizar questões teórico-metodológicas acerca do assunto, o que traz como uma das primeiras preocupações para o profissional de história que deseja se aventurar pelo ciberespaço uma reflexão acerca das técnicas e do método empregado em tal empreitada (ALMEIDA, 2011).

Ainda segundo o autor, a rapidez dos processos evolutivos que se implementam na rede, o imediatismo provocado pela redução das distâncias e do tempo, bem como os impactos sociais provocados por essas características impõe como ordem do dia uma grande capacidade de adaptação, quer de leigos e usuários comuns, e certamente ainda mais de pesquisadores e profissionais que se propõe a enfrentar esse desafio. Uma situação que caracteriza bem essa questão é a popularização, nos últimos anos, da chamada "web 2.0"⁶, termo que designa a evolução das formas de interação em ferramentas e páginas da Internet, cada vez mais marcadas pela colaboração e interatividade em canais como blogs, sites de divulgação e compartilhamento, redes sociais e enciclopédias virtuais (Idem).

Contudo, a questão vem ganhando fôlego e instigando alguns profissionais a se posicionarem, encarando os desafios que a questão nos impõe. É o caso, por exemplo, do historiador Carlo Ginzburg, que no ano de 2010 participou, em Porto Alegre, do seminário internacional Fronteiras do Pensamento, onde proferiu uma palestra cujo título sugeria a ousadia e inovação do tema: "A história na era Google"⁷. Para o pesquisador italiano, a disseminação do uso da Internet é fato inquestionável nos dias de hoje, sendo vã a tentativa de negar sua potencialidade, mas também, por outro lado, de sobredimensioná-la. Contudo, a potencialidade apresentada por esta ferramenta não poderia ser tomada apenas em si mesma, por ser a Internet uma mídia submetida a formas de controle social, assim como quaisquer outras, além de se constituir em uma ferramenta desprovida de iniciativa, a qual depende, para cumprir seu pleno potencial, da postura de seu utilizador, assim como este, por sua vez, precisa dominar as técnicas e regulamentos que determinam o

funcionamento da primeira. Ginzburg afirma, ainda, que os processos de mudança gerados pelo advento da Internet caracterizam-se muito mais pela intensificação dos processos de leitura tradicional do que por uma novidade revolucionária, no que diz respeito às formas de apropriação de informações e conhecimentos, visto que muitas características manifestas na utilização da rede mundial, como a leitura fragmentária, as técnicas de indexação e a necessidade de se buscar a veracidade da informação são na verdade práticas anteriores, apenas potencializadas pelas peculiaridades da Web. Finalmente, o historiador aponta não ser a Internet uma ferramenta auto-suficiente, sendo necessário especialmente na área do ensino uma apropriação crítica e reflexiva a fim de possibilitar o correto aproveitamento de toda a carga potencial que a mesma oferece (CORRÊA & SCHULZ, 2011; GINZBURG, 2010).

Esses fatores fazem com que adquira importância primária o desenvolvimento do debate acerca da metodologia nas pesquisas e estudos que utilizem a Internet e suas fontes, inclusive no que se refere à definição do conceito de documento digital, suas formas de apresentação, apropriação e conservação. A inclusão de possibilidades originadas pelas novas tecnologias ao exercício da história suscita novas discussões sobre as finalidades e métodos de nosso ofício, tornando necessárias iniciativas que busquem, ao mesmo tempo, problematizar e buscar alternativas para a pesquisa e o ensino em história nesse meio. Mas como lidar com essa situação? As discussões que acompanhamos apontam para, pelo menos, uma opinião comum: ainda parecem existir mais perguntas do que respostas, embora algumas propostas estejam surgindo.

É importante ressaltar que existe uma série de questões que vêm sendo levantadas a esse respeito, relacionadas às dificuldades e limitações oferecidas por essas novas ferramentas: a dificuldade em avaliar a autoria e procedência dos materiais; a quantidade de erros muitas vezes encontrados; o peso que as opiniões ideológicas exercem nos fóruns e canais virtuais; a procedência das informações, muitas vezes provenientes de fontes não acadêmicas; a vasta quantidade de informações, que marca a passagem de uma cultura de escassez para uma cultura de abundância; o aumento flagrante de plágios acadêmicos; além das dificuldades em virtude de garantir a manutenção desses dados, muitas vezes apagados ou perdidos devido às flutuações e mudanças nos sites e provedores da Internet (ALMEIDA, 2011; GRINBERG, 2011; SÁ, 2010). Não caberia aqui discutir pormenorizadamente cada uma dessas questões, inclusive por não ser essa a intenção desse trabalho; tampouco é nossa ambição responder a todas elas, embora seja importante ressaltar a necessidade de um estudo de maior fôlego que dê conta de problematizar esses fatores e, principalmente, tente estabelecer alguns critérios mínimos que sirvam de parâmetro para o trabalho dos historiadores e

educadores com a Internet, tentando assim responder às crescentes preocupações com a metodologia empregada nessa tarefa. Ainda assim, consideramos válido apresentar rapidamente algumas possibilidades, alguns caminhos possíveis na busca por respostas a essas indagações.

Primeiro, como já foi dito, acreditamos ser importante ressaltar que a Internet, assim como qualquer outra tecnologia de informação, não se constitui como uma ferramenta auto-suficiente, mas trata-se de um instrumento que necessita da mediação humana, e somente através dela pode alcançar sua plena potencialidade. Isso traz como implicação o fato de que é precisamente a atuação do usuário que vai definir os resultados obtidos, e qual a utilidade destes para o ensino e a propagação do conhecimento. Portanto, a utilização destes canais vai requerer a adoção de critérios metodológicos básicos que garantam a credibilidade do trabalho desenvolvido.

Assim, nossa primeira preocupação deve estar voltada para a procedência da fonte utilizada, seja ela um texto, um vídeo, uma imagem ou mesmo uma página com um conjunto de materiais apresentados em diferentes suportes. É necessário conhecer a origem deste material, bem como buscar distinguir seu processo de produção, permitindo assim uma melhor aferição de sua utilidade e confiabilidade. Atualmente, por exemplo, existe uma série de publicações e instituições acadêmicas e governamentais que utilizam a Internet como canal de publicação de trabalhos e pesquisas, constituindo-se em excelentes possibilidades para trabalhos na área do ensino de história⁸. Contudo, é possível também trabalhar com informações de outras procedências, desde que tenhamos o cuidado de manter rigorosa atenção em relação a veracidade dos dados e ao método utilizado.

Uma forma possível de se trabalhar, como aponta novamente Almeida (2011), é buscar sempre outras fontes para a informação, realizando o cruzamento dos dados encontrados na Internet com outros provenientes de outras fontes. É importante também que o usuário desenvolva a capacidade de selecionar a documentação mais relevante dentre o conjunto de informações encontradas, tendo em vista o grande volume de dados disponíveis.

Finalmente, é necessário que o pesquisador / professor se familiarize com as tecnologias disponíveis e, da mesma forma, mantenha-se atualizado, de modo que consiga se adaptar as evoluções e mudanças que essas tecnologias apresentam, possibilitando assim oferecer aos seus alunos uma correta orientação na utilização dessas ferramentas para que os mesmos consigam tirar delas o melhor proveito. É preciso que o professor invista em metodologias diversificadas, que consigam despertar o interesse e a criatividade, estimulando a observação e a problematização do conteúdo através do uso pedagógico destas ferramentas.

Algumas experiências e possibilidades

O trabalho de historiadores e educadores na Internet encontra suas principais limitações nas escolhas que esses profissionais fazem ao utilizar esta ferramenta. Na atualidade, as práticas adotadas nesse meio refletem uma postura de desconfiança que impede uma ampliação do uso deste canal como uma fonte de produção de conhecimento propriamente dita. Ao invés disso encontramos hoje, em maior número, iniciativas que visam disponibilizar na rede, acervos e documentos através de processos de digitalização e armazenamento virtuais. Um bom exemplo disso é o caso do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, o CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, que através de sua página na Internet disponibiliza uma extensa quantidade de documentos e arquivos pessoais ligados a proeminentes figuras públicas brasileiras, constituindo-se em uma excelente base de dados para consulta e pesquisa⁹. Essas iniciativas, em nosso entender, são de fundamental importância – e estamos longe de dizer algo em contrário –, uma vez que possibilitam o acesso a um conjunto de documentos e fontes que, de outro modo, poderiam estar inacessíveis à boa parte não apenas dos pesquisadores, mas também do público em geral, além de promover isso de forma fácil e rápida. Contudo, entendemos que a rede mundial de computadores oferece uma gama de possibilidades muito maior ao seu público, hoje subaproveitada na área do ensino, especialmente no caso do ensino de história. Acreditamos ser necessário ampliar a noção que temos do uso da rede em nossa área, de modo a empregar mais efetivamente os recursos oferecidos por essa ferramenta.

Assim, buscamos em nossa pesquisa identificar relatos de experiências do uso da Internet na história, especialmente no ambiente da sala de aula, a fim de estabelecer um diálogo sobre as possibilidades e limites oferecidos por este instrumento no ensino da disciplina. Para tanto, além dos Anais do Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História, serviu-nos também de base a discussão estabelecida por Marta Leivas em sua dissertação de mestrado, *Riscos & Bordados: o ensino de história e as tecnologias de informação e comunicação*, apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2004, além de artigos e depoimentos encontrados na própria Internet.

Aparentemente, o primeiro desafio encontrado pelos profissionais de história nas salas de aula refere-se a pouca familiaridade com as ferramentas e canais encontrados na Internet. Em alguns encontros que temos participado, apresentando trabalhos referentes à utilização dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) nas relações de ensino, somos por vezes interpelados por educadores que manifestam suas dificuldades em relação ao domínio e conhecimento desse tipo de ferramenta. Essa realidade também é apresentada no trabalho da pesquisadora Marta Leivas, que identifica, entre alguns dos educadores com quem trabalhou durante sua pesquisa, falas que remetem para um certo “medo dos computadores, medo de estragar tudo”

(LEIVAS, 2004: 92). Esse tipo de dificuldade em relação ao uso e domínio das novas tecnologias geralmente contrasta com a atitude das gerações mais novas, sobremaneira das gerações em idade escolar, que em geral apresentam grande facilidade no domínio destas tecnologias desde muito cedo, certamente pelo fato destas já fazerem parte, durante seu crescimento, do seu cotidiano - o que não acontecia com as gerações mais velhas. Isso coloca como primeiro desafio o fato do educando ter maior domínio sobre esta possível ferramenta pedagógica do que o educador, o que sem dúvida gera desconfortos. Esse seria um momento ideal para estabelecer uma dinâmica de troca de conhecimentos em sala de aula, extrapolando a lógica do ensino tradicional, de maneira a possibilitar maior interação entre aluno e professor, mas sabemos que boa parte dos educadores ainda tem grandes dificuldades com este tipo de prática.

Por outro lado, percebemos nos relatos estudados que a apropriação destas tecnologias nos ambientes escolares, quando ocorre, tem sido realizada de maneira a reforçar uma abordagem tradicional do ensino, em propostas que não diferem das práticas tradicionais, e não colaboram para uma reciclagem destas, pois não ocorrem alterações de fundo no plano pedagógico; muitos professores, inclusive, admitem encontrar dificuldades em agir de outra maneira. Dessa forma, computadores e outros equipamentos ganham destinações diversas, como o uso administrativo ou burocrático, ou são colocados em segundo plano durante as aulas, servindo como estratégia de animação, ou ainda destinados à realização de pesquisas não orientadas, em atividades onde não há a preocupação com um planejamento que dê conta da utilização destes instrumentos, contribuindo para reforçar posturas de apropriação dos conteúdos encontrados sem a problematização e a reflexão necessárias, os conhecidos plágios escolares. Assim, ocorre o alento do "caráter tradicional da educação, baseado na transmissão de conhecimentos para que os alunos os assimilem de forma passiva" (NOVA, 1999: 83 apud FRANÇA & SIMON, 2008). A superação desse tipo de abordagem passa, em primeiro lugar, por uma formação inicial e contínua dos educadores, mas também por uma mudança nas concepções e práticas pedagógicas que norteiam sua atuação.

Em ambientes como a Internet, as formas de trabalho e relacionamento que têm predominado são baseadas na construção colaborativa e simultânea; logo, nos parece que o centro desse debate passa por uma mudança na posição do professor dentro da sala de aula, saindo do foco central que ocupa, como detentor do saber, e passando a trabalhar como desafiador, aprendiz, pesquisador, coordenador das tarefas. Ainda, como aponta Leivas,

"[os ambientes virtuais de aprendizagem] tem características diferentes das salas de aula convencionais, a começar pela forma de participação, que não é oral, mas escrita (...). Além disso, não há o tempo disciplinado da escola, os participantes (...) não precisam ficar imóveis, silenciosos, esperando a vez de falar; ao contrário, a ordem vigente é a da simultaneidade das contribuições." (LEIVAS, 2004: 97),

Ou seja, a partir do momento em que nos propomos a adotar práticas que incluam essas novas formas de trabalho dentro da sala de aula precisamos também nos propor a repensar nossas concepções e posturas, obtendo como primeiro resultado uma necessária mudança nos papéis e posições desempenhados por cada um dos atores envolvidos. Nesse sentido, Coll e Monereo (2011) também enfatizam a mudança que ocorre nos papéis dentro da sala de aula:

"A imagem de um professor transmissor de informação, protagonista central das trocas entre seus alunos e guardião do currículo começa a entrar em crise em um mundo conectado por telas de computador (...) parece inevitável que o professorado abandone progressivamente o papel de transmissor de informação, substituindo-o pelos papéis de seletor e gestor dos recursos disponíveis, tutor e consultor no esclarecimento de dúvidas, orientador e guia na realização de projetos e mediador de debates e discussões".(COLL & MONEREO, 2011: 31).

Por outro lado, ao mesmo tempo em que o papel do professor muda, muda também o papel do aluno, que sai de uma posição passiva e pode se colocar de forma mais livre, ampliando as "possibilidades de interpretação e atribuição de sentido e o exercício da contradição, necessários a problematização e superação das verdades constituídas" (GODOY, 2011; TIMÓTEO, 2011). Assim, abre-se a possibilidade de transformar a transmissão de conhecimentos em um processo de construção coletiva, troca de experiências e compartilhamento de idéias, além do enriquecimento da aprendizagem individual pela experiência da aprendizagem coletiva. Entendemos que esse processo oportuniza ainda, por sua natureza, uma excelente oportunidade para o exercício da interdisciplinaridade, auxiliando na integração das diversas áreas e possibilitando um ensino, como defende Karnal (2003), mais abrangente, holístico e humanista.

Vale reiterar que a simples utilização destas ferramentas não garante mudanças no conjunto das práticas e dinâmicas que se desenvolvem dentro da sala de aula; isso ocorre apenas a partir de uma mudança nas posturas dos protagonistas desta relação. A professora Adriana Godoy, da rede municipal de ensino de Ribeirão Preto - SP, que no ENEH 2011 apresentou um interessante relato de sua experiência didática com blogs na disciplina de história em turmas do ensino fundamental¹⁰, destaca a importância da socialização dos resultados atingidos em aula como forma de incentivar a participação dos alunos, fundamental para o sucesso de qualquer proposta pedagógica. Aponta, ainda, para a necessidade de se compreender os erros como parte natural deste processo, o que não reduz o potencial dessas ferramentas como facilitadoras educacionais e mediadoras da aprendizagem (GODOY, 2011).

Assim, acreditamos ser possível utilizar a Internet através de uma série de estratégias que podem auxiliar na complementação do aprendizado, transformando-a assim em uma poderosa auxiliar do profissional educador. Entre as diversas dinâmicas possíveis, poderíamos citar as pesquisas orientadas, visitas a museus

virtuais, consultas a arquivos históricos, pesquisas em sites de instituições e revistas da área, trabalho com fontes, além da possibilidade, já comentada, de construção coletiva apresentada por ferramentas como blogs e AVAs, tudo isso contando com a diversidade de suportes oferecidos em materiais encontrados na rede, como imagens, vídeos, textos, charges, músicas, etc. Cabe ao professor definir a melhor forma de agregar estas possibilidades ao seu trabalho em sala de aula.

A superação de barreiras traz novas possibilidades

Ao compor este trabalho, procuramos nortear nossas reflexões por uma visão que entende o ensino como uma poderosa ferramenta de mudança, capaz de promover a emancipação do ser através do conhecimento. Essa é uma perspectiva bastante presente em debates sobre a Educação, sendo especialmente pautada por posições que defendem a educação também como um instrumento de transformação social. Nesse sentido, compreendemos ser a Internet um meio capaz de renovar e ampliar esses debates, pelas características e possibilidades discutidas até aqui, constituindo-se em uma fonte potencial de mudanças e transformações.

Como afirmam Coll e Monereo (2011), o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação se insere no quadro de um novo paradigma tecnológico, onde a Internet é apenas uma das manifestações, sendo o marco de um novo estágio de desenvolvimento tecnológico da sociedade humana. Essa realidade traz como consequências uma série de novas formas de organização social, além de transformações econômicas e culturais. Nesse sentido, Ginzburg (2010) aponta para a necessidade, para os historiadores e cientistas da contemporaneidade, de se analisar e compreender esses fenômenos em seu conjunto. As novas tecnologias que emergem nessa conjuntura encontram-se em processo de expansão, beneficiadas por políticas de incentivo estatais, bem como a intensificação das pesquisas e investimentos na área. Soma-se a isso os constantes melhoramentos que têm ocorrido na área de infra-estrutura, além de um processo de crescente alfabetização digital, contribuindo para a conformação de um “novo e complexo espaço global para a ação social e para a educação” (COLL & MONEREO, 2011: 16).

Como resultado desse processo, podemos observar o surgimento de novas formas de relações sociais, além de novos modos de ver e compreender o mundo à nossa volta, acompanhados por uma transformação na percepção do tempo e do espaço. Essa nova realidade é marcada pela capacidade de se obter e compartilhar grandes quantidades de informação de forma praticamente instantânea, chegando a existir um excesso de informações; isso, porém, não garante que os usuários estejam mais ou melhor informados. Na verdade, nos parece que o grande desafio está justamente na capacidade de transformar essas informações em conhecimento, superando a lógica do imediatismo contemporâneo, que implica na escassez de tempo para reflexão e leva à dispersão e superficialidade.

Esta evolução tecnológica pauta-se igualmente pela proeminência de uma cultura da imagem, multisensorial, dinâmica e narrativa (Idem, 23). Essas características contribuem para o que Ginzburg chamou, em sua conferência, de uma homogeneização cultural, capitaneada a partir da ascensão da Internet enquanto meio de comunicação global. Contudo, é importante chamar atenção para o fato de que a assimilação desse processo se dá em ritmos diferentes, sendo a Internet, nas palavras de Ginzburg (2010), “uma ferramenta apenas potencialmente democrática”, que pode também contribuir para o aprofundamento das desigualdades.

No plano educacional, a superação desses obstáculos se vincula principalmente, a adoção de uma postura crítica e comprometida por parte de educadores e educadoras. A implementação de estratégias pedagógicas que envolvam as Tecnologias de Informação e Comunicação requer a adoção de posturas que permitam adaptabilidade e a cooperação. Mas não se trata de colocar em questão a presença dessas tecnologias em sala de aula, mas sim a extensão e o sentido de sua presença. A chave não está, em nosso entendimento, em comparar o a utilização destas ferramentas com o ensino tradicional, tentando estabelecer as vantagens e inconvenientes de um e outro. Em vez disso, melhor seria pesquisar como podemos utilizar essas tecnologias para promover a aquisição e o desenvolvimento das competências que as pessoas precisam ter na “era do conhecimento”, como definem Coll e Monereo (2011: 34).

Portanto, entendemos que no ensino, assim como na pesquisa, a adoção deste instrumental tecnológico requer a adoção de uma postura crítica e coerente, mas que ao mesmo tempo permita a evolução e qualificação de nosso trabalho. Acreditamos que essa parceria apresenta forte potencial no sentido de ampliar as possibilidades do ensino e contribuir inclusive para promover algumas transformações nas habituais relações escolares. A mudança de papéis decorrentes das formas de apropriação dessas ferramentas possibilita, também, que educadores e educadoras sejam impelidos à pesquisa e à reflexão, a fim de responder as novas demandas que surgem nos espaços de aprendizado – presenciais ou não. Por outro lado, o aluno ganha espaço com a possibilidade de desempenhar maior protagonismo em sua formação e na formação de outros, através de uma nova cultura de colaboração e interatividade.

Essa perspectiva nos parece consonante com uma visão que paute o ensino e o conhecimento como ferramenta potencial de transformação dos indivíduos e superação de diferenças; talvez mais que isso, ela possa potencializar essa forma de construir e compartilhar informações e saberes. Como afirma Leandro Karnal (2003), é preciso “usar o mundo em sala de aula” e possibilitar “o caos criativo”, transformando o ambiente escolar num espaço acolhedor e, ao mesmo tempo, atraente para seu público. Mas isso não significa deixar que a educação se inunde

pelo presentismo e pela tecnologia; muito antes, o que se propõe é que o ensino escolar assuma um papel fundante na construção de um novo saber, que corresponda aos novos desafios e preocupações que o mundo atual impõe, partindo do aluno e permitindo a ele ocupar um papel mais decisivo nessa equação,

Finalmente, como já afirmamos antes, entendemos que todo esse potencial transformador está condicionado pelas apropriações que forem feitas e pelas relações conscientes que forem estabelecidas nesse processo. O sucesso de tal empreitada depende da postura adotada por seus atores. Nesse sentido, temos claro que é preciso respeitar o conhecimento alheio, buscar aperfeiçoamento e incentivar a curiosidade. O novo não traz respostas por si: é preciso refletir sobre ele, buscar, pensar, pesquisar. O papel de educadores e pesquisadores continua sendo o de construir o conhecimento através de uma postura crítica, coerente e comprometida; o conhecimento continua um produto da ação consciente e da reflexão humana. Só que agora está numa versão 2.0!

Conclusões

Nossas reflexões não se encerram neste texto. Acreditamos ser necessário que as pesquisas e debates sobre a temática se ampliem, extrapolando as limitadas discussões que até então se apresentam e possibilitando que o ensino e a prática de educadores e historiadores alcancem novos níveis. Entendemos que nesse processo as novas tecnologias de informação e comunicação podem cumprir um papel de destaque, desde que encaradas a partir de uma perspectiva crítica em que se compreenda essas ferramentas como parte de um processo de mudança cujo protagonismo precisa ser desempenhado por sujeitos comprometidos com um modelo de ensino que se pretenda plural e democrático. Da mesma forma, entendemos ser imprescindível que se busque construir um corpus teórico-metodológico capaz de responder às questões criadas por essa nova conjuntura, de forma a servir de base e apoio para a ampliação do trabalho de pesquisadores e professores de história com a Internet.

É necessário compreender que tal postura precisa, necessariamente, se estender a todas as áreas e campos do ensino; mais que isso, oferece a oportunidade de construir uma série de novas abordagens didáticas apoiadas nessas ferramentas e tecnologias, bem como nas novas relações que surgem a partir delas. Isso não significa se valer dessa instrumentação como fiel da balança na construção de um novo paradigma pedagógico, mas sim aproveitar as potencialidades oferecidas por esse arcabouço tecnológico como forma de desencadear inovações – algumas bastante necessárias – nas relações de ensino-aprendizagem que se produzem na prática de educadores e educadoras do nosso tempo. E admitindo ser esta uma realidade que se impõe de forma tão latente em nossos dias, pensamos ser esta uma via possível para a incorporação das demandas e saberes de nossos educandos às práticas

cotidianas de nossas instituições de ensino, uma das muitas formas possíveis de tornar a educação uma experiência mais democrática e coletiva, sempre levando em conta, é claro, que a utilização dessas ferramentas e tecnologias “inovadoras” não produzem mudanças por si só, especialmente se adotadas mediante uma abordagem que reproduza práticas de ensino tradicionais e defasadas, mas podem servir como mediadoras em tentativas que poderiam levar as relações de ensino-aprendizagem e o ensino de história a novos patamares, se partirem de uma ação refletida, consciente e comprometida.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Fábio. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos - Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, v. 3, p. 9-30, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776/11939>>. Acesso em 13/04/2012.
- COLL, C. & MONEREO, C. *Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CORRÊA, D. & SCHULZ, M. Conhecimento histórico e Internet: uma conversa com Carlo Ginzburg. . *Aedos - Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, v. 3, p. 9-30, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/20722>>. Acesso em 13/04/2012.
- FRANÇA, C. & SIMON, C. Como conciliar ensino de história e novas tecnologias?. *Anais do VII Seminários de Pesquisa em Ciências Humanas*. Londrina: Eduel, 2008. Disponível em: < <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais/CyntiaSFranca.pdf>>. Acesso em 19/09/2011.
- GINZBURG, Carlo. História na era Google. Conferência proferida no Seminário Internacional Fronteiras do Pensamento – 2010. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=wSSHnqAbd7E>>. Acesso em 13/04/2012.
- GODOY, Adriana. Impacto das tecnologias de informação e comunicação no ensino de história: uma experiência com blog. *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História*. Disponível em: <<http://abeh.org/trabalhos/GT01/tcompletoadriana.pdf>>. Acesso em 13/04/2012.
- GRINBERG, Keila. A História que está na moda: divulgação científica, ensino de História e Internet. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/arquivo-cafe-historia-a-168>>. Acesso em 13/04/2012.
- KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LEIVAS, Marta. *Riscos & Bordados: o ensino de História e as tecnologias de informação e comunicação*. 2004. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS. Porto Alegre. 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5834/000432212.pdf?sequence=1>>. Acesso em 19/09/2011.
- Pew Research Center for the People & the Press. Internet Gains on Television as Public's Main News Source. 2010. Disponível em: < <http://www.people-press.org/2011/01/04/internet-gains-on-television-as-publics-main-news-source/>>. Acesso em 13/04/2012.
- SÀ, Antônio F. A. Admirável campo novo: o profissional de história e a Internet. *Revista Eletrônica Tempo Presente*. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=3620%3Aadmiravel-campo-novo-o-profissional-de-historia-e-a-internet&catid=222&Itemid=100076&lang=pt>. Acesso em 13/04/2012.
- TIMÓTEO, Herbert. A potencialidade dialógica das tecnologias de informação e comunicação no ensino e aprendizagem de história. *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História*. Disponível em: <<http://abeh.org/trabalhos/GT01/tcompletoherbert.pdf>>. Acesso em 19/09/2011.

Notas

1 Graduando em História - UFRGS

2 A expansão de tais tecnologias e as pesquisas que começam a tentar dar conta dessas novas formas de criação e expressão, nas mais diversas áreas do conhecimento, tem gerado uma série de novas terminologias e siglas. Aqui, utilizaremos principalmente o termo “tecnologias de informação e comunicação”, utilizado largamente nas referências pesquisadas para produção deste artigo, e representado pela sigla TIC.

3 Pesquisas como a realizada pela Pew Research Center for the People & the Press, em 2010, demonstram que internet já ultrapassa a TV como a fonte preferencial de notícias entre o público jovem, por exemplo. Os resultados desta pesquisa podem ser acessados em <<http://www.people-press.org/2011/01/04/internet-gains-on-television-as-publics-main-news-source/>>.

4 A produção acerca dessa temática, especialmente relacionada à área de história, ainda é bastante limitada, sendo esta inclusive uma dificuldade já enfrentada por outros pesquisadores, como nos testemunha Marta Leivas em sua tese de mestrado (LEIVAS, 2004: 20-37).

5 Os trabalhos do IX ENPEH encontram-se disponíveis em <http://www.abeh.org/trabalhosixenpeh/>.

6 De acordo com o próprio Almeida, “não existe uma definição aceita de maneira consensual [sobre este conceito]. Na prática, a web 2.0 significou uma mudança de mentalidade dos desenvolvedores de sites da Internet (...) [onde] passou-se a valorizar a interatividade entre os usuários e os sites. Com base nesta interatividade, os usuários passaram a colaborar de forma ativa com a melhoria das páginas, ou mesmo com a construção de novas (...)” (ALMEIDA, 2011).

7 Um vídeo com os principais momentos da conferência proferida pelo historiador italiano encontra-se disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=wSSHnqAbd7E>>. Acesso em 22/11/2011.

8 Nesse sentido poderíamos citar, como exemplos, a Revista de História da Biblioteca Nacional, uma excelente referência do gênero, além de diversas publicações de instituições universitárias e programas de pós-graduação que têm ganhado versões nesse formato.

9 O acesso e consulta à base documentos digitalizados pode ser realizado através do endereço eletrônico <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. É necessário realizar um cadastro gratuito no site.

10 O blog da professora Adriana Godoy publica regularmente trabalhos desenvolvidos por seus alunos do 6º ao 9º ano, e pode ser acessado através do endereço < <http://www.galeriadahistoria.blogspot.com>>.